

UMA CRÔNICA SIRÍACA ANÔNIMA ATÉ O ANO DE 819

Alfredo Bronzato da Costa Cruz
Introdução, tradução e notas

Em 1911, Ayoûb Barsoûm (1887-1957) – que renomeado, em 1907, por ocasião de sua investidura monástica como Aphrâm, mais tarde, em 1933, seria eleito e consagrado, sob o nome de Ignatius Aphrêm I Barsoûm, como o centésimo vigésimo patriarca da Igreja Síriaca Ortodoxa de Antioquia – encontrou em uma igreja paroquial da vila de Bêth Sevîrînô (também chamada de Basibrînâ ou Besabrînâ), na região de Tûr ‘Abdîn, um grande códice contendo uma coleção de cânones, atas sinodais, glossas jurídicas e epístolas patriarcais. Em meio às páginas deste volume, constituído por materiais de diversas épocas e procedências, havia também um manuscrito do século IX, contendo uma curta crônica cobrindo o intervalo desde a concepção de Cristo até a eleição e consagração como patriarca de Dionísio I de Tellmahrê¹, seguida de um fragmento de uma *História dos Santos Apóstolos*, atribuída a Efrém de Nísibe (m.373). O título original da crônica, datada em datado em *Anno Græcorum*², era *Relato que expõe brevemente os eventos que aconteceram em vários tempos desde Cristo até agora*, mas ela acabou ficando mais conhecida no Ocidente como *Chronicon ad annum 819 AD* (daqui por diante, referenciada como *Crônica até 819*).

Cerca de metade da crônica aborda os séculos VII e VIII, e uma mão posterior à de seu redator primeiro acrescentou em um espaço na última página do conjunto uma entrada histórica adicional, tratando de uma seca ocorrida em 1094 ou 1095 – o que situa o exemplar encontrado em Bêth Sevîrînô na última década do século XI de forma bastante conclusiva. O foco do relato está distribuído de forma bastante uniforme entre assuntos eclesiásticos e seculares, e, para os séculos VII e VIII, há um tratamento relativamente detalhado das ações dos governantes muçulmanos. A narrativa é construída desde a perspectiva do miafisismo siríaco e, dada à importância concedida

¹ Episódio que esta crônica data de 819, mas que, de fato, ocorreu em agosto de 818 (Palmer, 1990, p. 9).

² Para o calendário utilizado nas crônicas siríacas, ver a n. 1 da edição da *Crônica de Edessa* neste mesmo volume.

no texto ao Mosteiro de Qartmîn – nele diretamente mencionado por dezessete vezes –, supôs-se de forma verossímil que o autor da crônica seria religioso residente ou ao menos proveniente deste claustro, possivelmente com acesso ao arquivo aí existente.

Segundo uma nota marginal, a crônica constante no manuscrito encontrado por Barsoûm teria sido copiado por um monge de nome Severo, proveniente da aldeia de Manîm, para a biblioteca de seu tio, Davi, bispo de Harã, consagrado pelo Patriarca João IV de Antioquia (r.846-873). Andrew Palmer (1993, p. 83), entretanto, considera problemática a aceitação acrítica desta atribuição; como se pergunta este autor, se foi o referido Severo quem realizou a compilação de informações ou a cópia do texto no qual elas constavam, por que ele não acrescentou nenhuma entrada referente aos quase trinta anos entre a eleição patriarcal de Dionísio I de Tellmaḥrê e a de João IV, e a subsequente ordenação episcopal de seu tio? Em 1959, o erudito Môr Philoxenos Yuhânôn Dolabanî (1885-1969), metropolitano siríaco ortodoxo de Mardîn, afirmou que a *Crônica até 819* havia sido composta pelo “renomado escriba” Mansûr, abade do Mosteiro de Qartmîn e filho de Marzûq, pároco em Bêth Sevîrînô. Trata-se de hipótese interessante, ainda que este Mansûr e seu pai sejam personagens históricos praticamente desconhecidos e que Môr Philoxenos não tenha citado uma fonte ou comprovação documental para sustentá-la (Palmer, 1990, p. 13).

De acordo com Lawrence I. Conrad (1991, pp. 23-24), o núcleo original do texto, centrado no Mosteiro de Qartmîn – aquilo que esse autor chama de *Cronologia de Qartmîn* – abrangia apenas o período até 727/728, sendo posteriormente expandido pela adição de mais três camadas redacionais: um relato dos eventos eclesiais ocorridos até 785, uma lista dos califas omíadas e abássidas até 813 e uma lista dos patriarcas miafisitas de Antioquia até 819. A *Cronologia de Qartmîn*, caso tenha existido, contudo, parece ter sido um documento incompleto ou incompletamente apropriado na *Crônica até 819*, como se pode depreender do fato das contagens periódicas de crânios do sepulcro do mosteiro, prática ritual realizada com certa periodicidade e muitas vezes registrado com zelo nas crônicas monásticas – para validar a autenticidade das relíquias assim exumadas –, ter sido aí mencionada apenas em duas entradas, uma referente ao ano 444 (§36) e outra novamente mais de duzentos anos depois (§68). Segundo Palmer (1990, pp. 9-11) o autor da *Crônica até 819* (§51 e 53) também parece ter consultado ou pelo menos tido conhecimento de algumas informações – através da mediação de um sinaxário da Igreja Siríaca Ortodoxa? – extraídas da biografia de Severo de Antioquia (m.538) escrita por João

bar Aptônia (*m.537*) e da biografia de Jacó Baradeus (*m.578*) escrita por João de Éfeso (*m.586*).

Tanto Barsoûm quanto Chabot observaram a dependência de uma série de crônicas siríacas posteriores em relação à *Crônica até 819*, mas também o quanto ela deve à *Crônica de Edessa*, ou ao texto perdido da qual esta seria o resumo, algo também observado por Palmer (1990, p. 10) e por Robert G. Hoyland (1997, pp. 419-420). A incorporação dos dados de um texto pelo outro, contudo, não foi feita sem alguns movimentos interessantes. As informações não foram transmitidas literalmente, mas frequentemente abreviadas e, em certos casos, modificadas ou complementadas. Enquanto a *Crônica de Edessa* menciona o bispo Ibas (*m.457*) como *grande* e *excelente* (§60-59), a *Crônica até 819* a contradiz e descreve este prelado como *herético* (§35). Enquanto a *Crônica de Edessa* menciona que o calcedônico Asclépio teve de sair de sua diocese e se refugiar em Antioquia por causa da grande inundação que atingiu Edessa em 524 (§91-92), a *Crônica até 819* faz um acréscimo mencionando que este bispo aí morreu em um grande terremoto (§49). Witold Witakowski (1999-2000, pp. 428-429) também identificou na *Crônica até 819* algum material direta ou indiretamente retirado da *Crônica* de Eusébio de Cesareia (*m.339*), além de um formato que talvez se vincule ao formato desta.

Por outra parte, a *Crônica até 819* compartilha uma fonte miafisita perdida com a *Crônica Melquita até 614*, narrativa de cunho claramente anti-miafisita (Halleux, 1979, pp. 12-13). Em certa conexão com isso, Hoyland (1997, p. 421) mencionou uma quase certa relação da *Crônica até 819* com aquilo que chamou de *Fonte comum siríaca*, hipotético documento, do qual diversas crônicas posteriores seriam dependentes, que registraria os eventos na Siro-Palestina e na Mesopotâmia de *c.590* até *c.750* (Id., p. 631ss). Já Palmer (1990, pp. 10-11; 1993, p. 83) supôs que o autor da *Crônica até 819* teve acesso a um breve resumo da história inicial do Califado; e especifica ainda que, pelo fato da crônica ignorar por inteiro os nomes e atos de Yazîd III ibn al-Walîd (*r.abr-out. 744*) e de seu irmão, Ibrâhîm ibn al-Walîd (*r.out.-dez. 744*), ou este resumo hipotético ou a própria crônica siríaca foram escritas na região de al-Jazîrah, no norte da Mesopotâmia, onde estes dois califas de curtos governos não chegaram jamais a ser reconhecidos. Também assinalou o enviesamento narrativo surpreendido no fato de que a *Crônica até 819*, ao mencionar a batalha do Rio Yarmûk (ago. 636), na qual os árabes derrotaram os bizantinos de forma decisiva, fazendo-os recuar da Siro-Palestina e da Mesopotâmia, mencione o califa 'Omar ibn al-Khattâb (*r.634-644*) e ignore por completo o imperador Heráclio

(r.610-641), mencionado não só em todas as outras crônicas siríacas que relatam este enfrentamento, mas em virtualmente todos os escritos provenientes de autores cristãos que fazem isso.

Além disso, Palmer (1993, p. 84) observou que, para o relato das campanhas militares de 717 e 718, o autor da *Crônica até 819* deve ter usado como base uma fonte próxima a Sharâhîl ibn 'Ubayda, mencionado como general de especial confiança do califa Sulaymân ibn 'Abd al-Malîk (r.715-717). Em contraponto a esta observação, talvez se observe que, na crônica siríaca, o alvo principal desta investida do Califado aparece claramente como sendo a Bulgária; mas, de qualquer forma, não parece estranho que uma fonte árabe quase contemporânea aos acontecimentos tenha deliberadamente omitido o fato de que a intenção efetiva das campanhas era a tomada de Constantinopla, e isso justamente pelo fato desta não ter se realizado. Reiterando a argumentação, Palmer acrescentou que as duas referências ao Prado de Dabîq, extensa planície gramada ao norte de Alepo, onde muitos cavalos e camelos de guerra podiam ser reunidos para pastar, deixa entrever um modo de vida muito mais *móvel* do que a de um monge deste período, e pode ser comparada às feitas por outros observadores árabes contemporâneos aos eventos, mas não aparece em nenhum outro escrito siríaco. Por fim, considerou que há uma difusa atitude pró-árabe na *Crônica até 819*, mas que isto, ao invés de indicar as relações textuais supostas ou outras que não deixaram rastro, pode ser simplesmente devido ao reconhecimento dos miafisitas siríacos de que, ao menos nos séculos VII e VIII, os governantes árabo-muçulmanos eram proporcionalmente muito menos invasivos e opressores do que seus análogos bizantinos (Jenkins, 2013, pp. 291-295; Penn, 2015, cap. 1).

O manuscrito da *Crônica até 819* foi copiado à mão, editado e publicado em 1920 pelo mesmo Aphram Barsoûm na série *Scriptores Syri* da coleção *Corpus Scriptorum Christianorum Orientalium*. Alguns anos depois, por ocasião da elevação deste religioso erudito ao patriarcado, uma versão latina do texto por ele exumado, copiado, editado e publicado também foi preparada e publicada pelo Pe. Jean-Baptiste Chabot (1860-1948), fundador e então editor-chefe da referida coleção. Buscas pelo original, realizadas na região de Tûr 'Abdîn por Andrew Palmer nas décadas de 1970 e 1980, não conseguiram encontrá-lo (Palmer, 1990, pp. 9-11; 1993, p. 75). Seguindo a explícita indicação de Barsoûm, parecia que este documento havia sido destruído durante o *Sayfo* (1915), genocídio de cristãos siríacos realizado no sudeste da Anatólia, no Azerbaijão, no litoral siro-libanês e na fronteira persatomana pelos turcos com a colaboração de algumas tribos curdas,

ocasião no qual se perderam não só inúmeras vidas, mas um número igual ou maior de manuscritos e códices antigos, vitimados pelo incêndio das bibliotecas e arquivos paroquiais e monásticos nos quais se encontravam guardados.

Recentemente, contudo, o historiador, teólogo e padre siríaco ortodoxo Sharbel Iskandar Bcheiry (2020) anunciou ter redescoberto o manuscrito e estar preparando para breve uma nova edição desta crônica, acompanhada de uma tradução crítica para o inglês, que conteria vários detalhes e informações relevantes que haviam passado antes despercebidas. Bcheiry relatou ter encontrado no arquivo do Museu do Instituto de Estudos Orientais da Universidade de Chicago seis folhas antigas de pergaminho preenchidas de texto em siríaco. De acordo com os registros da instituição no qual se encontram custodiados, elas foram adquiridos junto com outros dois manuscritos siríacos em junho de 1928 pelo linguista, filólogo e pastor luterano Martin Sprengling (1877-1959), então professor do Departamento de Idiomas Orientais da Universidade de Chicago, diretamente de Aphrâm Barsôum, que era então – desde maio de 1918 –, Môr Severo Barsoûm, arcebispo siríaco ortodoxo da Síria e do Líbano. Bcheiry observa que este episódio da venda dos manuscritos encaixa-se de modo bastante tranquilo na cronologia de vida deste eclesiástico. Em 1927, Môr Severo viajou como delegado representante do Patriarca Ignatius Elias III (r.1917-1932) a Genebra e Lausanne para participar da *Conferência Mundial sobre Fé e Ordem* (3-21 ago.); encerrado este evento seguiu para Paris, para Londres e daí para os Estados Unidos da América. O Patriarca Elias III havia determinado que Barsoûm investigasse a condição da Igreja Siríaca Ortodoxa na América do Norte; e o bispo não só fez isso, produzindo um relatório infelizmente ainda não publicado, mas também consagrou três novas igrejas e ordenou certo número de novos diáconos e presbíteros. Ele também deu palestras sobre a língua e a literatura siríaca na Universidade de Providence e na Universidade de Chicago, e permaneceu, até retornar para a Síria, no meado de 1929, como pesquisador instalado no Instituto de Estudos Orientais desta segunda instituição. Aí não só travou contato com Sprengling, mas trabalhou direta e cotidianamente com ele. Tais dados são confirmados pelas biografias oficiais do futuro Ignatius Aphrêm I Barsoûm que foram escritas e publicadas pelos órgãos da Igreja Siríaca Ortodoxa.

Não é possível precisar as circunstâncias específicas da venda do material a Sprengling, mas se trata de um enredo completamente verossímil. Além disso, existem as provas materiais: Bcheiry constatou, através da análise dos documentos e de seus conteúdos, que as páginas

que encontrou certamente pertenciam a um mesmo manuscrito; também que o texto aí apresentado é exatamente o mesmo que Barsaôum relatou como sendo encontrado apenas na peça que exumou no arquivo paroquial de Bêth Sevîrînô. Bcheriy observou, contudo, que a comparação entre o texto original e a cópia feita e publicada por Barsaôum possui algumas diferenças, não por incapacidade do copista, mas pelas folhas de pergaminho apresentarem, por exemplo, palavras que eram invisíveis a olho nu e que só puderam ser descobertas com a ajuda de instrumentos de pesquisa desenvolvidos do meado do século XX em diante. Daí sua iniciativa de preparar uma nova edição do texto siríaco acompanhada de uma tradução crítica.

Enquanto se aguarda com ansiedade a publicação deste trabalho de Bcheriy, apresentamos uma versão de um texto que, salvo engano, ainda não foi frequentado pelos historiadores de língua portuguesa. Para esta tradução, usou-se como base a tradução latina do Pe. Chabot (1920) e, para fins de comparação, o trecho traduzido para o inglês por Andrew Palmer. Inseri a organização em parágrafos numerados, de forma similar ao que se fez com a *Crônica de Edessa* publicada neste mesmo volume, para facilitar a localização e citação de dados do texto. Espera-se que o trabalho ora apresentado possa ser muito em breve superado por uma outra tradução ao português que seja feita diretamente do texto siríaco preservado graças ao esforço de Barsaôum e revisitado de forma crítica por Bcheriy.

Referências:

BARSOÛM, A. (trad., intr. e notas). *Chronicon anonymun ad Annum Domini 819 pertinens*. In. CHABOT, J.-B. (org.). *Chronicon ad Annum Christi 1234 pertinens et alli*. Paris: Typographeo Reipublicæ & J. Gabalda, 1920. Coleção *Corpus Scriptorum Christianorum Orientalium*, v. 81, série *Scriptores Syri*, n. 36, pp. 3-22 (texto siríaco).

BARSOÛM, A. Monasteries. Tradução de M. Moosa. *Syriac Studies* <online>, publicado em 8 jan. 2020. Disponível em <https://tinyurl.com/3t98wvwc> (acesso: dez. 2022).

BCHEIRY, S. I. Lost and found: a rediscovery of a syriac chronicle from the ninth century. *Atla Religion Database* <online>. Chicago, American Theological Library Association, publicado em 25 set. 2020. Disponível em <https://tinyurl.com/mrx5cxn2> (acesso: dez. 2022).

BROCK, S. P. Syriac historical writing: a survey of the main sources. *Journal of the Iraq Academy*. Bagdá, Iraq Academy of Sciences, sç. Syriac Corporation, n. 5, 1979-1980, pp. 1-30.

CHABOT, J.-B. (trad., intr. e notas). *Chronicon anonymun ad Annum Domini 819 pertinens*. In. CHABOT, J.-B. (org.). *Chronicon ad Annum Christi 1234*

pertinens et alli. Lovaina: Secrétariat du *Corpus Scriptorum Christianorum Orientalium*, 1937. Coleção *Corpus Scriptorum Christianorum Orientalium*, v. 109, série *Scriptores Syri*, n. 56, pp. 1-16 (tradução latina).

CONRAD, L. I. Syriac perspectives on Bilâd al-Shâm during the Abassid Period. In: AL-BAKHÎT, M. A. & SCHICK, R. (orgs.). *Bilâd al-Shâm during the Abbasid Period: fifth international conference on the history of Bilâd al-Shâm*. Amã: History of Bilâl al-Shâm Committee, 1991, pp. 1-44.

FIERY, J. M. *Saints syriaques*. Edição póstuma de L. I. Conrad. Princeton: Darwin, 2004.

FLUSIN, B. Démons et sarrasins: l'auteur et le propos de *Diègèmata stèriktika* d'Anastase le Sinaïte. *Travaux et Mémoires*. Paris, Centre de Recherche d'Histoire et Civilisation de Byzance, n. 11, 1991, pp. 391-410.

GREGÓRIO bar 'Ebrôyo. *The Ecclesiastical Chronicle*. Tradução, introdução e notas de D. Wilmshurst. Piscataway: Gorgias, 2016.

HALLEUX, A. La Chronique Melkite abrégée du Ms. Sinaï Syr. 10. *Le Muséon*. Lovaina, Peeters, n. 91, pp. 5-44.

HOYLAND, R. G. *Seeing Islam as others saw it: a survey and evaluation of christian, jewish and zoroastrian writings on Early Islam*. Princeton: Darwin, 1997.

JENKINS, P. *Guerras santas: como quatro patriarcas, três rainhas e dois imperadores decidiram em que os cristãos acreditariam pelos próximos 1500 anos*. Tradução de C. Szlák. Rio de Janeiro: LeYa, 2013.

KAZHDAN, A. P. et *alli* (orgs.). *The Oxford Dictionary of Byzantium*. Nova Iorque & Oxford: Oxford University Press, 1991, v. 1, ver. *Chronicle of 819*, p. 444.

PALMER, A. (org., trad., intr. e notas). *The seventh century in west-syrian chronicles, including two seventh-century syriac apocalyptic texts*. Colaboração de S. P. Brock e R. G. Hoyland. Liverpool: Liverpool University Press, 1993.

PALMER, A. *Monk and mason on the Tigris frontier: the early history of Tūr 'Abdîn*. Cambridge: Cambridge University Press, 1990.

PENN, M. P. When good things happened to other people: syriac memories of the islamic conquests. In: *Envisioning Islam: syriac christians and the Early Muslim World*. Filadélfia: University of Pennsylvania Press, 2015, cap. 1.

TOLAN, J. V. Saracens as pagans. In: *Saracens: Islam in the medieval european imagination*. Nova Iorque: Columbia University Press, 2002, cap. 5, pp. 105-134.

§1. Pelo poder de Nosso Senhor, iniciamos a redação de um relato que resume os acontecimentos de vários tempos, desde Cristo até o presente.

§2. No 308^o *Ano dos Gregos*, Cristo foi concebido. Ele nasceu no 309^o ano <desta Era>.³ E foi crucificado no 3...^o Ano.⁴

§3. E no 37...^o Ano⁵, Paulo sofreu o martírio em Roma, no quinto dia do mês de Tammûz. Sua cabeça foi decepada por uma espada por ordem do imperador Nero. Simão <Pedro>, por outro lado, delineou a construção da Igreja em Antioquia e foi o seu primeiro patriarca durante o período de vinte e cinco anos. Quando foi a Roma, foi ali crucificado, de cabeça virada para baixo, por ordem do mesmo Nero, no vigésimo oitavo dia do mês de Kânôn Qdîm do mesmo ano em que Paulo foi martirizado.

§4. E no 400^o Ano <88 d.C.>, o rei Abgar construiu um grande monumento funerário para si em Edessa.

§5. E no 449^o Ano <137 d.C.>, Marcião foi expulso da Igreja.

§6. E no 465^o Ano <153 d.C.>, no décimo primeiro dia do mês de Tammûz, nasceu Bardesanes.

§7. E no 513^o Ano <201 d.C.>, houve uma grande inundação em Edessa, na qual pereceram mais de mil homens.

§8. E no 551^o Ano <239 d.C.>, nasceu Mânî.

§9. E no 614^o Ano <302 d.C.>, nos dias de Diocleciano, caiu a muralha de Edessa.

§10. E no 624^o Ano <312 AD>, o bispo Ciro⁶ lançou as fundações da grande Igreja de Edessa. O bispo Sâ'dût⁷, seu sucessor, deu prosseguimento a esta obra. E aquele que foi nomeado depois desse, o bispo Aitállâha, fez construir o cemitério e expandiu a parte oriental desse templo.

§11. E no 637^o Ano <325 d.C.>, nos dias do vitorioso imperador Constantino, reuniu-se o concílio dos trezentos e dezoito bispos em Niceia por causa do ímpio Ário.

§12. E no 644^o Ano <332 d.C.>, nos dias da perseguição de Maximiano, Sérgio e Baco foram martirizados por ordem de Antíoco.⁸ E ele fez com

³ Ver a n. 11 da edição da *Crônica de Edessa* neste mesmo volume.

⁴ Os três pontos indicam uma lacuna no manuscrito transcrito por Barsoûm - neste caso, de apenas um par de caracteres.

⁵ Lacuna no manuscrito de um caractere.

⁶ Variante possível do nome designado em outros documentos como Qûrâ', Qôna, Qûne.

⁷ Na *Crônica de Edessa* (§12), designado como Sha'ad.

⁸ Esta datação está claramente equivocada. Maximiano foi co-imperador de Diocleciano de 285 a 305, quando, sob ordem do mesmo Diocleciano,

que Sérgio caminhasse por vinte e oito milhas <vestido, calçado?> em espinhos de ferro.

§12. E no 649º Ano <337 d.C.>, morreu Mâr Tiago <*Iacobus*>, bispo da cidade de Nísibe.⁹

§13. E no 654º Ano <342 AD>, Abraão foi constituído bispo de Edessa. Ele fez edificar a Igreja dos Confessores, que fica na região norte da cidade.

§14. E no 660º Ano <348 d.C.>, a cidade de Amida foi construída por ordem de Constantino, o filho de Constantino, o Grande.

§15. E no no seguinte <349 d.C.>, foi construída a cidade de Tella-Mawzlât.

§16. E no 667º Ano <355 d.C.>, Abraão Kidunaia tornou-se conhecido.¹⁰

§17. E no 672º Ano <360 d.C.>, Vologeses, bispo de Nísibe, e Abraão, bispo de Edessa, morreram. E em seu lugar, por ordem do imperador, veio o bispo Barsê desde a cidade de Harã.

§18. E no 674º Ano <362 d.C.>, o ímpio <imperador> Juliano morreu na Pérsia. Depois dele, Joviano reinou oito meses, nos quais entregou Nísibe aos persas. E depois deste, o grande Valentino <*i.e.* Valentiniano> reinou com seu irmão, Valente.

§19. E no 678ª Ano <366 d.C.>, partiu deste mundo Juliano Saba.

§20. E no 684ª Ano <372 d.C.>, no nono dia do mês de Hẓrân, faleceu o doutor Mâr Efrém. E, neste mesmo mês e ano, os cristãos ortodoxos de Edessa sofreram perseguição da parte dos arianos.

§21. E no 689º Ano <377 d.C.>, a Igreja Ortodoxa em Edessa aproveitou-se da recuperação da cidade. E <aí> foi constituído bispo Eulógio, que fez construir a Igreja de São Domício. Neste mesmo ano, teve início

renunciou a seu título de *Augusto* em favor de Constâncio Cloro. Reassumiu o título imperial de 306 a 308, mas foi forçado a deixá-lo por nova ordem de Diocleciano e de seu sucessor, Galério. Em 310, tentou se apossar do título de Constantino, seu neto adotivo e genro, enquanto este se encontrava em uma campanha militar às margens do Reino. Capturado por homens leais ao mesmo Constantino em Massília (atual Marselha), cometeu suicídio em julho de 310. Em 332, depois do Concílio de Niceia (325), portanto, Maximiano já estava morto há pelo menos duas décadas e não poderia perseguir quem quer que fosse.

⁹ O nome que Chabot transcreve do siríaco como *Iacobus* foi aqui traduzido como Tiago ou Jacó de forma diferente para cada personagem que é assim chamado na *Crônica*, sempre de acordo com a versão já consagrada em textos até agora publicados em português.

¹⁰ Ver a n. 19 da edição da *Crônica de Edessa* neste mesmo volume.

o reinado de Teodósio, o Velho, que construiu a cidade Resh'aynâ, na região de Osroene.

§22. E no 698º Ano <386 d.C.>, na Sexta-Feira da Crucificação, faleceu Eulógio, bispo de Edessa. Foi colocado em seu lugar o bispo Ciro <Qûrâ'>, ao tempo do qual o corpo do Apóstolo Tomé foi trazido até Edessa e depositado em uma igreja dedicada à sua memória.

§23. No 706º Ano <394 d.C.>, morreu Teodósio, o Velho. Neste mesmo ano, Arcádio ingressou na cidade de Constantinopla <para assumir o trono>. Nos dias em que durou seu governo, também os hunos ingressaram no território dos romanos.

§24. No 708º Ano <396 d.C.>, foi construído o Mosteiro de Qartmîn, sob os cuidados de Mâr Samuel, que foi o seu primeiro arquiandrita, e de Mâr Simeão, seu discípulo. Um anjo apresentou-se a eles durante uma noite e mostrou-lhes <quais deveriam ser> o desenho e as medidas dos alicerces <do mosteiro>.

§25. E no 710º Ano <398 d.C.>, ergueu-se João Crisóstomo.

§26. E no 714º Ano <402 d.C.>, Teodoro de Mopsuéstia tornou-se conhecido como intérprete das Escrituras.¹¹ Naqueles dias, também o presbítero 'Apsâmya, filho da irmã de Mâr Efrém, tornou-se conhecido como mestre. E ele proferiu sermões sobre o advento dos hunos.

§27. E no 720º Ano <408 d.C.>, Diógenes foi constituído bispo de Edessa. Ele fez construir a Igreja de São Balaão Mártir.

§28. E no 721º Ano <409 d.C.>, Cirilo foi constituído arcebispo de Alexandria.

§29. E no 723º Ano <411 d.C.>, Rábula foi constituído bispo de Edessa. Ele fez construir a Igreja de São Estêvão Mártir, <sobre o> que era antes a sinagoga dos judeus.

§30. E no 732º Ano <420 d.C.>, o arquiandrita Êutiques caiu em heresia.

§31. E no 733º Ano <421 d.C.>, Mâr Tiago <Iacobus> sofreu o martírio quando foi esquartejado <intercisus> pelos persas. Ele era de Bêth Lapât, uma cidade dos huzítidas <huziditis>.¹²

¹¹ Considerando-se o fato de Teodoro de Mopsuéstia (m.428) ser reconhecido pelos difisitas como uma de suas principais referências intelectuais, a ausência de hostilidade em relação a este personagem parece especialmente interessante em um documento tão claramente organizado de acordo com uma perspectiva miafisita. De modo particular, chama a atenção que seu discípulo Ibas de Edessa tenha sido designado como *herético*, mas não ele.

¹² Não consegui informações diretas a respeito de quem poderiam ser os *huzítidas*, designação que não achei em mais nenhuma parte assim escrita.

- §32. E no 740º Ano <428 d.C.>, André de Samósata tornou-se conhecido.
- §33. E no 741º Ano <429 d.C.>, caiu uma grande quantidade de pó do céu sobre toda a terra.
- §34. E no 742º Ano <430-431 d.C.>, nos dias de Teodósio, o Jovem, reuniu-se o concílio dos duzentos e vinte bispos em Éfeso por causa do ímpio Nestório.
- §35. E no 746º Ano <434 d.C.>, Rábula, bispo de Edessa, morreu. Ele foi sucedido pelo herético Ibas. Este fez construir a Grande Igreja dos Apóstolos.
- §36. E no 756º Ano <444 d.C.>, Dióscoro foi feito arcebispo de Alexandria. E reuniu-se outro concílio em Éfeso, nos dias do mesmo Teodósio. § No mesmo ano, o sepulcro do Mosteiro de Qartmîn foi esvaziado <limpo?> e nele se encontraram os crânios de quatrocentas e oitenta e três pessoas, incluindo o crânio de Mâr Samuel, que foi o seu primeiro arquiemandrita. Mais tarde, outros restos mortais foram colocados no mesmo lugar com estes que faleceram antes, sendo os primeiros os de Mâr João de Edessa.
- §37. E no 762º Ano <450-451 d.C.>, nos dias do imperador Marcião, reuniu-se o concílio de Calcedônia, sob o pretexto de que Dióscoro havia aceitado a doutrina de Êutiques, mas, de fato, para restaurar a doutrina do ímpio Nestório e repetir que em Cristo existem duas Naturezas.
- §38. E no 769º Ano <457 d.C.>, Ibas morreu. Ele foi sucedido por Nono. Este fez construir a Igreja de São João Batista em Edessa, assim como o Mosteiro de São Cosme e o hospital ao seu lado.
- §39. E no 770º Ano <458 d.C.>, morreu o imperador Marcião. Depois dele reinou Leão. Ele fez construir a cidade de Calínico.¹³

Por aproximação, penso que se tratam dos habitantes do Cuzistão ou Xûzestão (em persa, *Xûzestân*). Ora, entre os séculos V e XIV, Bêth Huzâyê foi uma província metropolitana do cristianismo síriaco; seus bispos estavam instalados justamente na cidade de Bêth Lapât, a Gundeshapûr dos persas. Em determinados documentos, os autores síriacos designam toda a província do Cuzistão - terra que os historiadores antigos, incluindo aqueles cujos textos foram recolhidos na Bíblia Hebraica, chamam de Elam - por Bêth Huzâyê; e não me parece inverossímil que os moradores desta terra, que a *Crônica até 819* chamou de huzíditas, sejam não outros que os xûzi ou kûzi - etnônimo pelo qual os aquemênidas (700-330 a.C.) designavam os elamitas, povo autóctone, não semita e não indo-europeu, que constituiu a mais antiga organização política no território do que veio a ser a Pérsia.

¹³ Atual Raqqah, no norte do território sírio. Parece ter sido habitada desde tempos muito remotos, como atestam as descobertas arqueológicas feitas nas suas redondezas, em Tell-Zaydan - que apresenta marcas de povoamento

§40. E no 771º Ano <459 d.C.>, morreu Mâr Simeão, o Estilita.

§41. E no 781º Ano <469 d.C.>, um vasto enxame de gafanhotos apareceu e cobriu toda a terra. E houve um grande terremoto. E as termas de 'Âbarnê secaram. E Nicópolis foi derrubada, caindo seus edifícios sobre seus habitantes, com exceção da igreja e de seu bispo, que estava em seu interior. E um sinal tenebroso apareceu no céu.

§42. E no 795º Ano <483 d.C.>, Mâr João, o Cabeludo, do Mosteiro de Qartmîn, foi ordenado metropolitano de Amida. Ele fez construir nela uma grande e gloriosa igreja dedicada aos Quarenta Mártires, assim como uma grande ponte sobre o rio Tigre.

§43. E no 814º Ano <502 d.C.>, Cavades, Rei da Pérsia, foi a Amida e sitiou a cidade por noventa e sete dias. No mesmo mês do mesmo ano, ele também foi a Edessa e a sitiou. Sob suas ordens, foi incendiada a Igreja de São Sérgio, que ficava fora da cidade, e foi incendiada a basílica da Igreja dos Confessores, em seu lado norte, mas não fez infligir nenhum outro dano a esta cidade.

§44. E no 823º Ano <511 d.C.>, no décimo sexto dia do mês de Têsrîn 'Hrây, Mâr Severo foi consagrado patriarca de Antioquia. Ele passou seis anos em sua sede e vinte anos no exílio.

§45. E no 829º Ano <517 d.C.>, morreu o imperador Anastácio, um homem...¹⁴ E ele foi sucedido por Justino...¹⁵ E se casou com sua

datadas de 5500 a 4000 a.C. - e de Tella-B'ia - local habitado desde 3000 a.C. e que foi identificado com o antigo povoamento babilônico de Tuttul, de certa importância como centro religioso entre 2000 e 1600 a.C. Foi refundada sobre ruínas, com o nome de Nicefória, pelo rei selúcida Selêuco I Nicátor (r.301-281 a.C.); seu sucessor, Selêuco II Calínico (r.264-226 a.C.), ampliou a cidade e a renomeou com seu próprio nome. O que o imperador bizantino Leão fez, de fato, foi ampliar e realizar importantes reformas na infraestrutura de Calínico, assim como determinar que fosse rebatizada como Leontópolis. Em 542, foi praticamente destruída pelos homens comandados pelo *sâhansâh* Cosroés (r.531-579), que conduziu toda a sua população cativa para a Pérsia; mas foi reconstruída e repovoada pouco mais tarde por iniciativa do imperador Justiniano (r.527-565). Último bastião dos bizantinos na região diante do avanço árabo-muçulmano no século VII, foi conquistada pelos recém-chegados entre os anos 639 e 640; a partir de então, serviu de base para a conquista da Alta Mesopotâmia e para o lançamento de diversas campanhas militares contra a Anatólia, o Ponto e a Armênia.

¹⁴ Lacuna no manuscrito de duas palavras.

¹⁵ Lacuna no manuscrito de duas linhas.

esposa. E, de fato...¹⁶ O sínodo de Calcedônia...¹⁷ para perseguir os ortodoxos.¹⁸ E neste mesmo ano...¹⁹. Durante seu governo, ascendeu...²⁰ na região dos rios Chaboras e Balissí.²¹

§46. E no 830º Ano <518 d.C.>, o imperador expulsou Mâr Severo de Antioquia, Mâr Filoxeno <Xenaïas> de Hierápolis <Mabbûg>, Ântimo de Constantinopla e Teodósio de Alexandria.

§47. E no 831º Ano <519 d.C.>, Patrício foi e procurou fazer sair Paulo de Edessa. E ele o exortou a agir de uma dessas duas formas: ou aceitaria o sínodo de Calcedônia e permaneceria em sua cátedra <episcopal>, ou se retiraria da Igreja. Contudo, não tendo aceitado nenhuma das duas opções, foi ao Batistério e aí se estabeleceu. Quando Patrício percebeu que ele não acatou o que havia sido dito, insistindo que seria necessário um <explícito> mandato do imperador <para afastá-lo>, usando a força, ele o expulsou <de Edessa> para Selêucia. O imperador deu ordem para que ele fosse reinstalado em sua sede, esperando que mudasse de opinião <a respeito de Calcedônia>. Mas como ele não o fez, determinou que fosse enviado para o exílio. Ele foi sucedido por Asclépio. Este fez expulsar <de Edessa> os monges orientais, assim como cada um daqueles <clérigos> que não aderiram ao sínodo de Calcedônia.

§48. E no 832º Ano <520 d.C.>, no nono dia do mês de Têsrîn Ḥrây, partiu deste século o mestre Mâr Jacó <Iacobus> de Sarûgh, que <aí> foi bispo por dois anos e meio.

§49. E no 835º Ano <523 d.C.>, os himiaritas sofreram o martírio.

¹⁶ Lacuna no manuscrito de uma linha e meia.

¹⁷ Lacuna no manuscrito de duas linhas.

¹⁸ Ou seja, desde a perspectiva do autor, apresentada com muita clareza, os miafisitas, aqueles que haviam aderido aos Concílios de Niceia (§20) e de Éfeso (§34) e rejeitado tanto o monofisismo de Êutiques (§30) quanto o difisismo do Concílio de Calcedônia (§37), que considera *nestoriano*.

¹⁹ Lacuna de uma linha.

²⁰ Lacuna de cinco ou seis palavras.

²¹ O antigo *Chabora* dos autores latinos, derivado do *Chabura*, *Aburas* ou *Aborrhás* dos cronistas gregos, mais tarde passou a ser chamado pelos síriacos e pelos árabes de Khabûr; trata-se do maior dos rios perenes tributários do Eufrates a cruzar o atual território sírio. Já o *Balissí* greco-latno mais tarde tornou-se Balîkh - que é o segundo maior dos rios perenes tributários do Eufrates a cruzar o atual território sírio.

§50. E no 836º Ano <524 d.C.>, houve um violento terremoto e a cidade de Antioquia foi derrubada. Duzentos e cinquenta mil homens foram sepultados na queda de seus edifícios. Justiniano ordenou que fosse reconstruída e chamada a partir dali como Teópolis.²² O patriarca Eufrásio, que era um calcedônico, <também> foi sepultado <no terremoto>. Enquanto ele estava em sua sala de jantar <triclínio>, foi arremessado <pelo tremor> sobre um conjunto de cântaros que estavam na taberna do andar inferior, e morreu nesta comoção. Ele foi sucedido por Efrém, filho de Apiano, o Perseguidor, nascido em Amida; e Bar Chílí o incitou em sua perseguição <contra os miafisitas>. E também morreu neste terremoto em Antioquia o bispo de Edessa, Asclépio. Ele foi sucedido por André. Neste mesmo ano, um sinal semelhante a uma lança foi visto atravessando o céu.

§51. E no 843º Ano <539 d.C.>, estabeleceu-se, por obra de Rufino, a paz entre os persas e os romanos. Esta paz continuou até o 851º Ano <539 d.C.>. Então o rei Cosroés a rompeu e ingressou no território dos romanos. Ele devastou as cidades de Antioquia, Surá²³ e Alepo e retornou a Edessa, mas não lhe causou nenhum dano. Os chefes desta cidade pagaram-lhe cinquenta *kentinária* de ouro e ele partiu.

§52. E no 849º Ano <537 d.C.>, no oitavo dia do mês de Sbât, morreu o patriarca Mâr Severo. Por ordem de Justiniano, Paulo, um judeu, homem de mente perversa, foi feito patriarca <de Antioquia> em seu lugar. Ele foi sucedido por Eufrásio bar Malahê. E no quarto dia do mês de Têsrîn 'Hrây, morreu o arquiandrita Mâr João bar Aptônia, que escreveu a história e os louvores de Mâr Severo. E neste mesmo ano, no sexto dia do mês de Sbât, morreu João bar Curasi, bispo de Tella-Mawzlât.

§53. E no 859º Ano <547-548 d.C.>, que era o vigésimo ano <do governo> de Justiniano, despediu-se deste mundo Teodora. E

²² Conforme o imperador Justino (r.518-527) se tornava um homem mais velho - ele havia nascido por volta de 450 ou, de acordo com certos autores, ainda antes - seu sobrinho Justiniano, que mais tarde se tornaria o monarca, passou a operar como regente *de fato* do Império Bizantino. Em 520, após a morte do general Vitalino, Justiniano foi formalmente adotado por Justino, nomeado cônsul e comandante das tropas romanas estacionadas nas províncias orientais. Em 525, recebeu os títulos de *Nobilíssimo* e *César*, tornando-se oficialmente o herdeiro do trono constantinopolitano. Em 1º de abril de 527, foi nomeado co-imperador e, com a morte de Justino, em 1º de agosto do mesmo ano, tornou-se único governante do Império Romano do Oriente.

²³ Ver a n. 43 da edição da *Crônica de Edessa* neste mesmo volume.

Justiniano então começou a perseguir os cristãos por causa da opinião calcedônica. Era particularmente conhecido nesta época o patriarca Ântimo <de Constantinopla>.

§54. E no 879º Ano <567 d.C.>, morreu Mâr Jacó <Iacobus> de Pesiltha <Fsiltâ>²⁴, e Mâr João, o Cabeludo, do Mosteiro de Qartmîn. Eles governaram seus bispados na época da perseguição, <que se iniciou> quando Mâr Jacó tinha trinta e três anos. De acordo com os números registrados em seus documentos oficiais, ele ordenou cento e dois mil presbíteros, vinte e sete bispos e dois patriarcas.

§55. E no 891º Ano <579 d.C.>, os persas novamente foram e incendiaram o Mosteiro de Qartmîn, Tella<-Mawzlât>, Harã e Edessa.

§56. E no 902º Ano <590 d.C.>, morreu Mâr Pedro, o patriarca de Antioquia. Ele foi sucedido por Mâr Juliano, seu discípulo. E depois deste veio Mâr Atanásio.

§57. E no 910º Ano <598 d.C.>, surgiu Domiciano, um bispo calcedônico, que perseguiu os fiéis e, usando a força, deu-lhes a Oblação.

§58. E no 912º Ano <600 d.C.>, fez-se trevas sobre toda a terra, e as estrelas apareceram ao meio dia.

§59. E no ano seguinte <601 d.C.>, Narsés entrou em Edessa, tomou posse da cidade e em seu interior fez apedrejar o bispo Severo.

§60. E no 916º Ano <604 d.C.>, Hêsnâ, na região de Tûr 'Abdîn, foi capturada pelos persas. E houve uma dura guerra entre eles e os árabes.

§61. E no 926º Ano <614 d.C.>, Mâr Daniel 'Uzâyâ, arquiandrita do Mosteiro de Qartmîn, tornou-se o metropolitano dos quatro distritos, ou seja, de Tella<-Mawzlât>, de Mardîn, de Dara e da região de Tûr 'Abdîn.

§62. E no 932º Ano <620 d.C.>, iniciou-se o reinado de Maomé <Muhâmmad>, o primeiro Rei dos Árabes. Ele realizou o primeiro sacrifício e deu aos árabes de comer, contra aquilo que era o seu costume.²⁵

²⁴ Mais conhecido como *Mosteiro da Pedreira*, bem próximo de Tella-Mawzlât, foi construído no século V e deu à Igreja Siríaca Ortodoxa de Antioquia cinco metropolitas antes de ser abandonado na década de 880 ou 890. O referido Jacó é não menos do que o missionário, revivalista e articulador eclesástico Jacó Baradeus (Ya'qûb Bûrd'oyo), que foi educado no Mosteiro de Pesiltha e parece ter chegado a ser seu abade antes de ser constituído como bispo de Edessa.

²⁵ Recentemente, Bcheriy observou que a afirmação de que Maomé "realizou o primeiro sacrifício e deu aos árabes de comer, contra aquilo que era o seu

A partir deste ano, iniciou-se o cômputo dos anos <de acordo com o Calendário Islâmico>.²⁶

costume” não deve ser lida como uma descrição de que este personagem fez os árabes comerem contra a sua vontade carnes sacrificadas, o que talvez insinuasse discretamente a percepção de certo caráter idolátrico e pagão do Islã – uma linha de raciocínio que foi seguida por grande número de autores latinos (TOLAN, 2002), mas tem claras analogias entre certos escritos do Oriente Cristão. O calcedônico Anastácio do Sinai (*m.* início do século VIII), por exemplo, narrou a história de dois marinheiros cristãos que, tendo conseguido entrar em Meca furtivamente durante a noite, viram uma forma hedionda surgir de uma fenda na terra para devorar a carne dos camelos e cabras oferecidos como sacrifício ao redor da Caaba (FLUSIN, 1991). Bcheriy chamou a atenção para o fato de que há na transcrição de Barsaoûm um erro de concordância relevador: o que se lê no texto transcrito, rigorosamente, é que Maomé *realizou o primeiro sacrifício* (no singular) e *fez os árabes comê-los* (no plural). Chabot e Palmer, de diferentes formas, retificaram esta idiossincrasia, de modo que ela não é percebida em suas traduções desta entrada referente a 932 AG, ou seja, 620 AD. Um novo exame do manuscrito original fez este pesquisador perceber que Barsaoûm leu o quase apagado verbo siríaco *conduzir*, *awbêl*, como sendo *dar de comer*, *awkhêl*. E o verbo *conduzir*, assumido no seu sentido já então corrente de *governar*, de fato, encaixa-se melhor no contexto, devendo a entrada constante nas versões publicadas ser substituída por algo como: “E no 932º ano, iniciou-se o reinado de Maomé, o primeiro Rei dos Árabes. Ele realizou o primeiro sacrifício e conduziu os árabes, contra aquilo que era o seu costume.” Ora, o costume de organização e governo na Península Arábica pré-islâmica não incluía nenhum tipo de Estado centralizado como aquele que acabou por se organizar ao redor de Maomé e seus sucessores. Assim sendo, a *Crônica até 819*, longe de insinuar algo de especialmente terrível sobre Maomé – e, por extensão, sobre os muçulmanos –, teria mencionado este personagem enfatizando três aspectos diferentes e inter-relacionados de sua vida: o *político*, como sendo o *primeiro Rei dos Árabes*; o *religioso*, como aquele que *realizou o primeiro sacrifício*, lembrando o sacrifício de Abraão em substituição ao de seu próprio filho (cf. nota seguinte); e o *organizacional* ou *legislativo*, como aquele que *conduziu os árabes* no sentido de algo – a centralização política – que era contrário ao *que era o seu costume* – ou seja, uma organização política descentralizada. Isso considerado, a difusa tendência pró-árabe presente na maior parte dos escritos de autores miasistas dos séculos VII e VIII permanece também nesta entrada da *Crônica até 819*.

²⁶ De acordo com a maior parte dos demais registros, algumas das informações constantes nesta entrada estão equivocadas: 1. Em sentido específico, só se poderia considerar que Maomé se tornou algo como um *Rei dos Árabes* depois da Batalha de Tabûk, acontecida em 630 AD, ou seja, 942 AG. 2. Sacrifícios como o/s realizado/s por Maomé já eram realizados na Arábia pré-islâmica; tanto ele mesmo quanto a tradição exegética islâmica, contudo, sustentaram que estes se tratavam de reiterações do sacrifício que Abraão fez a Deus em substituição ao seu filho, uma tradição que havia sido apropriada e truncada pelos pagãos, mas que teria sido restaurada ao seu

§63. E no 938º Ano <626 d.C.>, Edessa foi saqueada.²⁷ E o rei Cosroés foi assassinado por seu filho, Siroé.

§64. E no 942º Ano <630 d.C.>, morreu o patriarca Atanásio. Também morreu Maomé, o Rei dos Árabes. Ele foi sucedido por Abû Bâkr, que reinou por três anos e três meses.

§65. E no 945º Ano <633 d.C.>, morreu Abû Bâkr. Ele foi sucedido por ‘Omar, filho de Khâttâb, que reinou por onze anos. No mesmo ano, morreu Mâr Daniel ‘Uzâyâ. Depois dele, foi feito arquiemandrita do Mosteiro de Qartmîn e bispo <de Dara> Mar Gâbriel de Bêth Qûstân <Qûstânaya>, que, <ainda> enquanto era vivo, trouxe os mortos de volta à vida e realizou outros numerosos prodígios e milagres.²⁸ Ainda no mesmo ano, os árabes entraram na Síria e combateram contra <a guarnição romana estacionada em> Damasco, tomando esta cidade.

§66. E no 948º Ano <636 d.C.>, os romanos e os árabes lutaram na batalha no Rio Yarmûk.²⁹ Os romanos foram então submetidos a uma derrota completa. E ‘Omar subjugou todas as cidades da Mesopotâmia. O chefe dentre eles que ingressou em Edessa e Harâ foi ‘Abû Bâder, e a

sentido original com a ascensão do Islã. O sacrifício feito por Abraão, narrado tanto no *Livro do Gênesis* (22:1-18) quanto no *Corão* (37:99-113), deliberadamente mimetizado por Maomé, foi diretamente vinculado à festa islâmica do *Eid al-Adha*, principalmente a partir do trabalho de Ibn Wâdî al-Ya’qûbî (m.897). 3. O cômputo dos anos do Calendário Islâmico tem seu início não com o reinado de Maomé, mas com a migração de Maomé e da maior parte dos que eram então seus seguidores de Meca para Iatrebe (mais tarde Medina), evento ocorrido em 622 AD, ou seja, 934 AG.

²⁷ Entretanto, não se menciona *por quem*. A *Crônica Pascal*, relato histórico bizantino de redação quase contemporânea a este evento, menciona que Edessa permaneceu nas mãos dos romanos até ser capturada pelos persas em 609, dos quais teria sido retomada em 626 ou 627 – situação que permaneceu por pouco tempo, posto que em 638 a cidade foi anexada ao então jovem Califado. Isso considerado, permanece em aberto saber se o saque referido pela *Crônica até 819* foi uma ação destrutiva derivada do recuo persa, no âmbito de uma tática de *terra arrasada*, ou justamente uma menção à destruição colateral associada à reconquista bizantina da cidade.

²⁸ A partir desta época, o Mosteiro de Qartmîn passou a ser mais conhecido como *Mosteiro de São Gabriel*, ou *Deyrulumur*.

²⁹ Palmer observou que este é o primeiro lugar nas crônicas siro-ocidentais em que este rio, o maior dos afluentes do Rio Jordão, é mencionado, ao menos com este nome. Chabot fez referência a ele pelo nome que lhe chamaram os cronistas latinos, *Hieromyces*, derivado daquele que lhe deram os gregos, *Hieromýkês*.

ele passaram a pertencer Dara, Amida, Tella <-Mawzlât>, Resh‘aynâ e Rîyâdh <‘Îyâdh>.

§67. E no 954º Ano <642 d.C.>, Cesareia da Capadócia foi capturada e...³⁰

§68. E no 9...º Ano...³¹

§69. E no ano seguinte, nos dias de Mâr Gabriel, bispo de Dara e arquiandrita do Mosteiro de Qartmîn, o sepulcro deste claustro foi esvaziado e oitenta e dois crânios foram contados.³²

§70. E no 956º Ano <644 d.C.>, o rei ‘Omar foi morto por um escravo indiano³³ pertencente aos coraixitas, enquanto estava orando na mesquita <mâsgida>. Ele foi sucedido por ‘Otmân, filho de Affân, que reinou por onze anos e meio.

§71. E no 960º Ano <648 d.C.>, morreu o patriarca João, o Hinólogo, e também Mâr Simeão, bispo de Edessa.

§72. E no 967º Ano <655 d.C.>, ‘Otmân foi morto, e os árabes permaneceram sem rei por três anos e oito meses. O comandante árabe no Ocidente era Mu‘âwiya, filho de Abû Sufyân, enquanto seu líder no Oriente era ‘Alî, filho de Akkhatâb.³⁴

§73. E no 971º Ano <659 d.C.>, foi assinado ‘Alî, e Mu‘âwiya reinou por vinte e um anos. Ele estabeleceu a paz com os romanos, mas enviou para <as fronteiras d’>o território dos romanos, ‘Abderrâhman, comandante de seu exército, que por lá permaneceu por dois anos <para fazer valer a trégua?>.

§74. E no 976º Ano <664 AD>, morreu Mâr Teodoro, patriarca de Antioquia. E neste ano houve muita neve e muito gelo; e as azeitonas

³⁰ Lacuna no manuscrito de duas ou três linhas.

³¹ Parágrafo de três ou quatro linhas quase inteiramente ilegível.

³² Barsoûm mencionou que havia uma nota marginal a esta numeração que assinalava: “Oitocentos e vinte.”

³³ A maior parte das narrativas árabes, gregas e latinas menciona que este homem era persa, ainda que haja discordância se era zoroastriano, cristão ou muçulmano. Outras crônicas siríacas mencionam que era romano (*i.e.* bizantino). Há a possibilidade de que a referência a este homem ser indiano seja marca de uma família específica de textos siríacos estreitamente relacionados uns aos outros.

³⁴ Como observou Chabot, trata-se de um deslizamento mais ou menos evidente (mediado pela oralidade?) do nome de ‘Abû Tâlib (*m.*619), tio de Maomé e pai de ‘Alî. Por outro lado, Palmer destacou que esta é a primeira referência explícita ao governo de ‘Alî feita em uma crônica miasfita siríaca.

murcharam todas, assim como a maioria dos frutos e vegetais de todos os tipos.

§75. E no 990º Ano <678 d.C.>, ocorreu um violento terremoto, que destruiu muitas partes da Síria. Ele atingiu duramente Bâtna de Sarûgh, que foi derrubada e destruída por completo. Também fez cair um lado da antiga igreja de Edessa, que desabou no Domingo de Páscoa, na terceira hora do dia.

§76. E no 991º Ano <679 d.C.>, morreu Mu'âwiya. Ele foi sucedido por Yazîd, seu filho, que reinou por três anos e seis meses.

§77. E no 994º Ano <682 d.C.>, morreu o patriarca Mâr Severo bar Mâska. E no mesmo ano morreu Yazîd, filho de Mu'âwiya. Ele foi sucedido por Marwân, filho de Hâkam, que reinou por um ano e meio.

§78. E no 996º Ano <684 d.C.>, morreu Marwân. Ele foi sucedido por 'Abd al-Malik, seu filho, que reinou por vinte e um anos. Ele estabeleceu a paz com os anos, selando com esses uma trégua de três anos, pagando-lhes por este período um tributo diário de mil *denários* e um cavalo árabe.

§79. E no 999º Ano <687 d.C.>, no Mosteiro de São Tiago, em Ciro, Mâr Juliano tornou-se patriarca, e Mâr Jorge foi constituído como bispo das Tribos.³⁵

§80. E no 1006º Ano <694 d.C.>, o exército dos romanos saiu para o Vale de Antioquia, e Dinâr, filho de Dinâr, enfrentou-o e o destruiu. Alguns poucos de seus membros escaparam e retornaram ao território dos romanos com uma reputação vergonhosa. E neste mesmo ano, os romanos se revoltaram contra seu imperador, Justiniano <II>, cortaram seu nariz e o expulsaram. Eles tiraram Leôncio da prisão em que estava e o constituíram imperador.

§81. E no 1008º Ano <696 d.C.>, os árabes cunharam *zûzê* e *denários* que não tinham imagens, mas apenas letras impressas em suas faces.

§82. E no ano seguinte <697 d.C.>, fez 'Atîya a descrição dos peregrinos. E Mâr Jorge, no Mosteiro de São Silas, foi feito bispo de Sarûgh e da região de Hâwara.

³⁵ Jorge também é referido em outros documentos como bispo das Nações. As *nações* ou *tribos* às quais este prelado deveria atender eram os Banû Tanukâyê, Banû Tû'âyê e Banû 'Aqulâyê, grupos árabes majoritariamente cristãos, bilíngues (falantes do árabe e do siríaco) e utilizadores do garshûni (a escrita do idioma árabe no alfabeto siríaco), que, nos séculos II e III d.C. migraram das partes montanhosas do centro-norte da Península Arábica para o norte da Síria e a Alta Mesopotâmia. Sua cátedra episcopal ficava na em 'Aqûla, nas margens do Rio Eufrates, cidade que mais tarde foi absorvida pelo crescimento de Kufâh, hoje em território iraquiano.

§83. E no 1010º Ano <698 d.C.>, morreu o bendito Mâr Tomé de Tella-Mawzlât. Nesses dias, foi construída uma <nova> igreja ortodoxa <i.e. dos miafisitas> em Harã.

§84. E no 1011º Ano <699 d.C.>, morreu Mâr Jorge de Tar'êl, o Estilita. E houve uma praga causadora de tumores em todas as partes da Síria. No mesmo ano, Mâr Simeão, do Mosteiro de Qartmîn, foi ordenado bispo de Harã.

§85. E no 1015º Ano <703 d.C.>, partiu 'Abdallâh, filho de 'Abd al-Malîk, à frente de um grande exército. Ele tomou consigo muitos trabalhadores e reconstruiu Mopsuéstia, na região da Cilícia. Neste mesmo ano, um decreto foi emitido e todos os porcos foram mortos <no território dos árabes>.

§86. E no 1016º Ano <704 d.C.>, 'Abd al-Malîk morreu. Ele foi sucedido por Walîd, seu filho, que reinou por nove anos. Era um homem ardiloso, que multiplicou os impostos e a opressão mais do que todos os seus antecessores. Ele fez destruir por completo os salteadores e os ladrões. Fez edificar uma nova cidade e a chamou de 'Aîn Gêrâ. E, neste mesmo ano, afogou-se no rio Eufrates Sâbîb, o Hâururita, que foi um cavaleiro famoso e um herói valente.³⁶

§87. E no 1018º Ano <706 d.C.>, Mâr Simeão, bispo de Harã, completou e consagrou uma <nova> igreja ortodoxa em Nísibe. Este bispo providenciou o pagamento de todos os gastos e despesas do Mosteiro de Qartmîn. Fez aí construir determinado edifício por três vezes, pois os nestorianos e os judeus iam durante a noite e o derrubavam a cada etapa; e ele foi concluído de tal forma que apenas muito dificilmente poderia voltar a ser derrubado. E o patriarca Mâr Juliano consagrou <a sua nova igreja abacial>, juntamente com o próprio Mâr Simeão. Nesses dias, Mâr Tiago, que era tradutor de livros, tornou-se notório.

§88. E no 1019º Ano <707 d.C.>, morreu o patriarca Mâr Juliano, e também Mâr Tiago, o Tradutor.

§89. E no 1020º Ano <708 d.C.>, foi eleito e consagrado patriarca Mâr Elias, do Mosteiro de Gubbâ Barrâyâ.³⁷

³⁶ Barsoûm observou que neste ponto uma anotação à margem do manuscrito assinalava: "Ou seja, <mais> um dos intoxicados da seita religiosa dos árabes do Iraque." Esta interessantíssima referência, contudo, insinua muita coisa, mas nada explica diretamente aos leitores que estão fora do contexto de quem a escreveu.

³⁷ Mais conhecido como *Mosteiro do Poço Exterior*, localizava-se no deserto a oeste do Rio Eufrates, entre Manbîj e Aleppo. Foi construído entre o final do século V e o início do século VI, e, até ser abandonado em algum momento

§90. E no 1021º Ano <709 d.C.>, Maomé, filho de Marwân, governador da Mesopotâmia, foi deposto, e em seu lugar passou a governar Maslâma, filho de 'Abd al-Malîk; e, tendo reunido suas forças, entrou no comando delas no território dos romanos. Ele sitiou o castelo de Tárandos e investiu contra as cidades da Mísia e da Misteia. Devastou todos os lugares nos quais esteve e tomou como cativas as pessoas todas que neles encontrou.

§91. E no 1022º Ano <710 d.C.>, Maslâma enviou emires <sic> por toda a Mesopotâmia. E estes homens mediram os campos, contaram as vinhas e as árvores, os homens e os animais, e penduraram medalhas de chumbo ao pescoço de cada um deles <designando a cada pessoa e animal o seu número correspondente>.

§92. E no 1024º Ano <712 d.C.>, no vigésimo oitavo dia do mês de Sbât, desde o amanhecer até a hora terceira, ocorreu um violento terremoto que atingiu todas as partes da Síria. Ele derrubou e destruiu <muitos edifícios, matando> inumeráveis pessoas; e fez com que se espalhasse por toda parte um enorme número de gafanhotos e outros insetos voadores.

§93. E no 1026º Ano <714 d.C.>, o rei Walîd morreu, vindo em seguida a reinar Salomão <Sulaymân>, que permaneceu <no trono> por dois anos e meio.

§94. E no 1027º Ano <715 d.C.>, Salomão reuniu grande número de guerreiros e de trabalhadores, e fez com que marchassem sob seu comando. Tendo atravessadas as águas do mar, acamparam na Ásia e aí capturaram duas cidades, Sardes e Pérgamo, além de outras povoações menores. Entre aqueles que encontraram, muitos mataram e muitos fizeram como cativos. Também detiveram os sírios que lá estavam, mas não tardaram a deixá-los partir em paz.³⁸

§95. E no 1029º Ano <717 d.C.> ano, Salomão reuniu novamente suas forças no Prado de Dabîq. Daí enviou um numeroso exército sob o

entre o meado e o fim do século IX, deu à Igreja Siríaca Ortodoxa de Antioquia quatro patriarcas e três bispos.

³⁸ Como observou Palmer (1993, p. 84), a política decisivamente pró-calcedônica do Império Romano do Oriente posterior aos governos de Justino e Justiniano às vezes envolvia o banimento de miafisitas, siríacos e não-siríacos, para partes mais distantes ou de mais difícil circulação do território bizantino, como a Ásia ou a Trácia; mas os árabes muçulmanos normalmente tratavam bem estes proscritos, dando-lhes autorização de pleno movimento, quando eventualmente os encontravam em suas incursões para além da fronteira romana.

comando de ‘Obeida³⁹, general de sua confiança, contra o território dos romanos. Seus homens partiram e acamparam na região da Trácia, e ‘Obeida entrou no país da Bulgária; mas a maior parte do exército sob seu comando foi destruído pelos búlgaros. Mesmo assim, Leão, o astucioso Imperador dos Romanos, oprimiu tanto os demais <búlgaros?> que eles foram forçados a comer não só a carne de seus rebanhos, mas também o seu esterco. § Neste mesmo ano, o castelo de Antígona foi tomado por Davi <Dawûd>, filho de Salomão. § E, no mês de ‘Îlûl, enquanto estava no Prado de Dabîq, morreu Salomão, depois do qual veio a reinar ‘Omar, filho de ‘Abd al-‘Azîz, filho de Marwân, um homem bom, que governou por dois anos e sete meses, e que foi um rei mais misericordioso do que todos os governantes <árabes> que haviam governado antes dele.

§96. E no 1030º Ano <718 d.C.>, Mar Atanásio Noubâyâ tornou-se arquiemandrita do Mosteiro de Qartmîn. E, mais tarde, no vigésimo quinto ano ocupando esta função <743 d.C.>, foi constituído bispo na região de Tûr ‘Abdîn. E morreu em paz no 1058º Ano <746 d.C.>.

§97. E no 1031º Ano <719 d.C.>, ‘Omar morreu, na região de Apameia, no Mosteiro de Ancyronitha⁴⁰, vindo em seguida a reinar Yezîd, filho

³⁹ Palmer propôs que neste ponto se leia ibn ‘Ubayda, ou seja, que aqui se faz referência ao general Sharâhîl ibn ‘Ubayda, personagem que efetivamente atuou sob as ordens do o califa Sulaymân ‘Abd al-Malîk.

⁴⁰ Chabot chamou a atenção para o fato de que os autores árabes, assim como outras crônicas siríacas posteriores a esta, referem-se a este lugar chamando-o *Mosteiro de Simeão*. Por aproximação, penso tratar-se do claustro também chamado de Qarqâfta ou Qarqaphto, i.e. *da Caveira*, erguido na Alta Mesopotâmia às margens do Rio Khabûr, entre Resh‘aynâ - atual Ra’s al-‘Ayn, na fronteira siro-turca - e Majdâl - agora desaparecida, pois não equivalente à cidade síria homônima, no Distrito de Maḥarda, bem mais a oeste. Foi construído em algum momento dos séculos V ou VI por iniciativa de certo Mâr Simeão, teve seu auge no início do século VIII, deu à Igreja Siríaca Ortodoxa de Antioquia seis bispos até o meado do século X, e foi abandonado antes do período das Cruzadas. Este mosteiro foi um importante centro de estudos exegéticos e filológicos, e sua oficina parece ter sido espaço de importantes momentos da história da tradução de textos bíblicos e patrísticos do grego para o siríaco. Mâr Gregório bar ‘Ebrôyo (i.e., bar Hebræus, m.1286) menciona a tradução (*mappâgto*) preparada nesse mosteiro (a *qarqâfyto*) como uma das versões do Novo Testamento aceitas como canônicas pela Igreja Siríaca Ortodoxa em seus dias, ainda que ele mesmo assinala discordar em alguns pontos das escolhas nela feitas para tradução do vocabulário bíblico. O que era exatamente esta versão do Novo Testamento e como os monges de Qarqâfta participaram na história da recepção do texto bíblico e em seu tratamento erudito no âmbito do miasismo siríaco, contudo, ainda permanece um assunto aberto à discussão entre os estudiosos.

de 'Ātkâ, filha de 'Abd al-Malîk⁴¹, que permaneceu no trono por quatro anos. E este rei ordenou que todas as esculturas e imagens que estivessem em seus domínios, fossem de bronze, de madeira, de pedra, ou pintadas em cores, fossem tiradas de seus lugares, despedaçadas e destruídas.

§98. E no 1033º Ano <721 d.C.>, Dahâk, que era o emir da Mesopotâmia, enviou contadores por todas as partes de sua província; e eles contaram as mulheres e os homens, jovens e velhos, mesmo aqueles que nasceram no mesmo dia em que estavam realizando a contagem; também mediram os campos e contaram as plantas e os animais, fazendo um censo <minucioso> como nunca antes se fizera. E quando <estes funcionários> descobriam alguém que havia cometido uma fraude, eles raspavam seu cabelo e sua barba e confiscavam todos os seus bens; e, naqueles dias, raspavam as cabeças de muitos homens e confiscaram um volume incontável de bens.

§99. E no 1035º Ano <723 d.C.>, três dias antes do fim do mês anterior a Têsrîn <Qdîm>, morreu o patriarca Mâr Elias. Ele foi sucedido por Mâr Atanásio, <também> do Mosteiro de Gubbâ Barrâyâ. § Neste mesmo ano, morreu o rei Yezîd, vindo em seguida a reinar Hishâm, filho de 'Abd al-Malîk, que permaneceu no trono por dezenove anos. Ele fez construir mais casas, arar mais campos e erguer mais oficinas em seus domínios do que todos os governantes <árabes> que haviam governado antes dele. Também fez abrir um canal desde a margem do Eufrates para <conduzir a água para> irrigar as plantações, os pomares e outros criadouros que havia feito estabelecer em terras paralelas ao rio.

§100. E no 1036º Ano <724 d.C.>, houve uma grande e terrível praga, que <primeiro> atingiu os carneiros, os bois, os cavalos e todos os animais quadrúpedes; <ela passou às pessoas e> violentos inchaços e tumores fizeram se sentir sobre os habitantes de todas as partes da Síria, assolando e trazendo sofrimentos a muitas de suas casas e aldeias.

⁴¹ Chabot destacou o caráter algo inusitado desta construção de frase, não só por ser uma das apenas duas menções no manuscrito à ascendência materna de um personagem, mas também por sua incorreção histórica: a mãe do califa Yezîd II, 'Ātkâ' (m.705), não era filha de 'Abd al-Malîk, mas a terceira e a mais influente de suas esposas. 'Ātkâ' era filha do califa Yezîd I e de uma mulher, cujo nome não se preservou, pertencente ao Banû Kâlb, tribo árabe que permaneceu majoritariamente cristã até um período relativamente tardio e que se tornou a principal base dos exércitos omíadas desde a ascensão desta dinastia até o fim da primeira década do século VIII. Ela ficou conhecida como uma estudiosa do Corão e dos *ahâdîth*, por ser uma mulher extraordinariamente caridosa, e por ser diretamente aparentada a doze dos quatorze califas da Dinastia Omíada.

§101. E no 1037º Ano <725 d.C.>, Maslâma entrou à frente de suas forças <mais uma vez> no território dos romanos. Então ele capturou Neocesareia do Ponto, saqueou e devastou a cidade, ateou fogo em suas construções e conduziu seus habitantes cativos para a Síria.

§102. E no 1039º Ano <727-728 d.C.>, ele entrou à frente de suas forças no território dos turcos. Aconteceu, contudo, que foi localizado por um numeroso exército de homens da terra e teve de recuar após ser derrotado por este no campo de batalha. Então, por uma segunda vez, recrutou combatentes de diversos tipos, cavaleiros e arqueiros, mas também pedreiros, carpinteiros, ferreiros e artesãos <especializados> em diferentes ofícios. Com numeroso contingente, tornou a entrar <no território dos turcos> e surpreendeu e venceu os homens da terra. Ali fundou acampamentos, ergueu muros, muralhas e fortalezas e deu início a grandes cidades.

§103. E no 1045º Ano <733 d.C.>, no terceiro dia do mês de Hẓrân, uma quinta-feira, Mâr Simeão, bispo de Harã e <abade> do Mosteiro de Qartmîn, faleceu, deixando este mundo em santa paz. Ele foi sucedido por Mâr Tomé, seu discípulo, do mesmo Mosteiro de Qartmîn.

§104. E no 1046º Ano <734 d.C.>, morreu Mâr Constantino, metropolitano de Edessa, discípulo de Mâr Tiago. Ele foi sucedido por Mâr Atanásio, seu discípulo.

§105. E no 1047º Ano <735 d.C.>, um sínodo de bispos reuniu-se no Mosteiro de 'Arbîn, na região <da Síria> ocidental, sob a presidência do Patriarca <de Antioquia>, Mâr Atanásio, por causa <da necessidade> de <realizar> correções e <de revisar> cânones eclesiásticos. E compareceram a este sínodo, provenientes do Mosteiro de Qartmîn, Mâr Lázaro de Tûr 'Abdîn e Mâr Tomé de Harã.

§106. E no 1049º Ano <737 d.C.>, morreram Mâr Tomé, bispo de Harã, Mâr Teodoro, bispo de Samósata, Mâr Teodoto, bispo da Germânia, e Mâr João, o Estilita, bispo de Litarba.

§107. E no 1054º Ano <742 d.C.>, um sínodo de bispos reuniu-se na região <da Síria> ocidental, sob a dupla presidência de Mâr João <Iwanîs>, que então era o Patriarca <de Antioquia>, e Mâr Atanásio Sandalâyâ, metropolitano da Mesopotâmia, por causa das perturbações que então transtornavam as Igrejas e da necessidade de ministrar correções aos párocos. § Neste mesmo ano, morreu o rei Hishâm, vindo em seguida a reinar Walîd, que permaneceu no trono por um ano e meio. E este era um homem muito viril, amante de piadas, da caça, da bebida e de todo tipo de prazeres.

§108. E no 1056º Ano <744 d.C.>, morreu o rei Walíd, vindo em seguida a reinar Marwân, um homem duro, inflexível, terrível para os árabes, pois fez deter, enforcar e matar alguns deles em todas as regiões da Síria. Ele permaneceu no trono por seis anos e, ao morrer, foi sucedido por ‘Abdallâh, filho de Maomé, que permaneceu no trono por vinte e três anos e meio.⁴² Sob o comando deste rei, os muros, as muralhas e as cidadelas de todas as cidades e regiões da Síria foram demolidos.

§109. E no 1065º Ano <753-754 d.C.>, morreu o rei ‘Abdallâh, vindo em seguida a reinar seu irmão, cujo nome também era ‘Abdallâh.⁴³ No início do reinado deste, houve um severo enfrentamento, que acabou por eclodir em uma grande guerra, entre os árabes e os persas. Isso causou um estado de grande angústia e de generalizada necessidade na Síria, além de fazer surgir <aí> muitas rebeliões. E tal coisa ocorreu porque este rei criou artifícios tão prodigiosos quanto amargos, que superaram qualquer coisa inventada por seus predecessores, para impor novos impostos e exações <sobre seus súditos>; e isso foi feito com tamanha intensidade que todas as moedas desapareceram de toda a extensão de seus domínios. E, ainda enquanto estava vivo, fez seu filho, Mahdî, reinar sobre os árabes.

§110. E no 1066º Ano <755 d.C.>, o patriarca Mâr João morreu. Então, seguindo uma determinação do rei, eles <*i.e.* os bispos e os abades> reuniram-se em Resh’aynâ, e escolheram e consagraram para governar sobre si como patriarca a Mâr Isaac, bispo de Harã e <abade> do Mosteiro de Qartmîn.

§111. E, no ano seguinte <756-757 d.C.>, enquanto estava na casa do rei, ‘Aculí <‘Aqûla>, o patriarca Mâr Isaac morreu.⁴⁴ Ele foi

⁴² Trata-se de Abû al-‘Abbâs ‘Abdallâh ibn Muhâmmad al-Saffâh (*m.*754), mais conhecido simplesmente como as-Saffâh, que foi o primeiro dos califas da Dinastia Abássida (750-1258). O fato da *Crônica até 819* registrar a Revolução Abássida, em duas partes sucessivas, como uma simples passagem de um reinado a outro (§107) e como um grande enfrentamento entre árabes e persas (§108) pode ser significativo.

⁴³ Trata-se de Abû Jafar ‘Abdallâh ibn Muhâmmad al-Mansûr (*m.*775), mais conhecido simplesmente como al-Mansûr, o segundo dos califas da Dinastia Abássida.

⁴⁴ A eleição e governo patriarcal de Issac foram marcados por graves polêmicas. Como acontece nesta crônica (§109), praticamente todos os relatos siríacos sustentam que foi eleito apenas por intervenção do califa nos assuntos da Igreja. Em sua *Crônica Eclesiástica*, bar ‘Ebrôyo deu-lhe o epíteto de *ilegítimo*, referindo-se diretamente às circunstâncias de sua eleição. Este texto registra que, sendo

sucedido no ofício patriarcal por Mâr Atanásio Sandalâyâ, do mesmo Mosteiro de Qartmîn.

§112. E no 1069° Ano <757 d.C.>, Mâr Dionísio, do mesmo Mosteiro de Qartmîn, foi ordenado bispo na cidade de Harã. § E neste mesmo ano, no décimo primeiro dia do mês de Tammûz, morreu Mâr Atanásio. Depois de velar seu corpo, tomaram-no e sepultaram-no no mosteiro que ele havia feito construir acima de Tell-Bêshmaî.

oriundo do Mosteiro de Qartmîn – ao qual mais tarde viria a retornar e se tornar abade –, Isaac passou boa parte de sua vida no claustro não aí, mas como porteiro em um mosteiro erguido nas montanhas próximas a Edessa – ainda que não esteja claro em qual deles: se no Mosteiro de Santa Bárbara, no Mosteiro dos Siro-Orientais, no Mosteiro de Nawâwîs ou no Mosteiro da Santa Mãe de Deus (também dito *dos Estrangeiros Solitários*), erguido mais a sul. Ainda conforme o relato de bar ‘Ebrôyo, em certa ocasião um religioso estrangeiro foi tão bem recebido por Isaac que pretendeu retribuir presenteando-o com uma grande peça de ouro, produzida através da aspersão de certo elixir sobre um pedaço de chumbo. Isaac ficou justificadamente maravilhado com esta transformação e interrogou o monge errante a respeito de qual era a fórmula daquele líquido extraordinário; esse, contudo, recusou-se a contar, dizendo que se tratava de um segredo que lhe havia sido confiado por seu mestre há muito tempo atrás. Irritado, Isaac assassinou o estrangeiro e jogou seu corpo em uma cisterna, depois de revistar minuciosamente sua roupa em busca de uma anotação com a fórmula e modo de preparação do elixir, algo que não encontrou. Havia, contudo, a parte restante do líquido, que Isaac usou para produzir uma grande quantidade de ouro, com o qual comprou do califa al-Mansûr a sua nomeação como abade do Mosteiro de Qartmîn, como bispo de Harã e, mais tarde, como patriarca siríaco ortodoxo de Antioquia. Ele também obteve um salvo-conduto que o permitia viajar em segurança por todos os domínios das abássidas, para que pudesse coletar os ingredientes que se fizessem necessários para que produzisse mais do elixir. Isaac, contudo, estava condenado desde o início, pois, embora possuísse o líquido que roubou do monge, não sabia a sua fórmula, e, portanto, não conseguiu apresentar ao califa os resultados que lhe havia prometido. Quando o monarca constatou tal coisa, fez com que fosse estrangulado em sua presença e que seu corpo fosse jogado nas águas do Eufrates. Bar ‘Ebrôyo (2016, p. 108) anotou que, sendo assim, “foi servido da mesma forma que havia servido ao monge estrangeiro.” O *Martirologio de Rabbân Slîba de Hâh*, composto no fim do século XIII ou na primeira metade do século XIV, registra Isaac como santo a ser comemorado por ter sido morto por ódio à fé cristã. Esta opinião talvez se deva ao fato de que, tanto quanto o eclesiástico assassinado, Slîba de Hâh também havia feito sua formação monástica no Mosteiro de Qartmîn. Trata-se, contudo, de um juízo bastante incomum, mesmo se desconsiderarmos o relato de bar ‘Ebrôyo, pois Isaac não é considerado um patriarca legítimo, muito menos um santo mártir, por nenhuma das histórias siríacas ortodoxas das quais hoje temos conhecimento (cf. FIEY, 2004, p. 98).

§113. E no 1070º Ano <758 d.C.>, houve perturbações e cisma entre as Igrejas. Naqueles dias, os bispos ocidentais reuniram-se, elegeram, consagraram e instalaram sobre si mesmos um patriarca, Jorge, que havia sido um diácono secular em Bâ'altan; e, em outra parte, os bispos da Mesopotâmia, reuniram-se, elegeram, consagraram e instalaram sobre si mesmos como patriarca a Mâr João, do Mosteiro de Qarqâfta.⁴⁵

§114. E no 1073º Ano <761 d.C.>, morreu o patriarca Mâr João. O rei 'Abdallâh fez reunir todos os bispos em Bagdá e deter e jogar na masmorra, pelo período de dez anos, o patriarca Jorge de Bâ'altan. Em seu lugar, os eclesiásticos, por expressa ordem real, elegeram, consagraram e instalaram sobre si mesmos como patriarca a Davi, bispo de Darâ'a, proveniente do Mosteiro de Qartmîn. Nesta ocasião e lugar, ou seja, enquanto acontecia esta assembleia em Bagdá, faleceu Mâr Dionísio, bispo de Harã.

§115. E no 1074º Ano <762 d.C.>, Maruta, o Impostor, apresentou-se em Mossul e em outras partes da Mesopotâmia. Naqueles dias, ele pregou que o pecado era completo e inescapável. Também disse e procurou demonstrar que ele mesmo era um taumaturgo, e por esta razão uma grande e muito numerosa multidão, vinda de todas as partes da Mesopotâmia, reuniu-se ao seu redor. Ora, ele ordenou a essa gente que saísse pelos caminhos <em procissão penitencial> entoando rogações; e impôs cinzas sobre as cabeças de seus discípulos. Também disse que os altares, os objetos da celebração dos Sagrados Mistérios, as cruzes, as alfaias e tudo o mais deveriam ser consagradas <novamente> por ele mesmo e em seu próprio nome. E às quintas-feiras comia o Cordeiro dos Mistérios, à semelhança de Cristo, acompanhado de muitos dos cristãos. Ele andava vestido com o hábito dos monges, mas cercado de monges infames, que haviam sido rejeitados por seus confrades. Isso se dava porque...⁴⁶ E foram dispersos.

§116. E no 1080º Ano <768 d.C.>, morreu Davi, bispo de Darâ'a, que havia sido feito patriarca por força da autoridade e da intervenção do rei. O patriarca Jorge, entretanto, ainda assim permaneceu preso na masmorra onde havia sido colocado. § Neste mesmo ano, Moisés <Mûsa>, filho de Mus'âb, um judeu, homem perverso e sem piedade, ímpio odiador dos cristãos, tornou-se o emir da Mesopotâmia e o senhor de Mossul. Ele inventou todos os tipos de penalidades e execuções, algumas que não haviam sido praticadas desde o começo do mundo. Fez pendurar moedas de chumbo no pescoço de cada um <dos

⁴⁵ Trata-se do mesmo que o *Mosteiro de Simeão* ou o *Mosteiro da Caveira*, conforme n. 40 *supra*.

⁴⁶ Lacuna no manuscrito de uma linha e meio.

cristãos ou dos seus súditos em geral?> e determinou que deveriam ser perfurados os polegares de suas mãos. Também esvaziou o tesouro público e gastou todas as receitas da cidade e do emirado construindo novas paredes e novos muros, novos portões e novas janelas; e tanto foi o seu gasto que ele forçou os homens a desenterrarem os túmulos antigos e extraírem o ouro e a prata que aí estavam depositados, metais com os quais pagaram os tributos que lhes eram exigidos. Houve fome e miséria nos dias de seu governo; e saíram das matas lobos grandes e vorazes, que atacaram e devoraram muitas pessoas, especialmente na região de Tûr 'Abdîn. Moisés obteve autoridade <sobre a cidade de Mossul e o emirado da Mesopotâmia> por três anos; depois disso, foi despojado <do governo>, intimado a julgamento <na corte do califa> e detido. Tudo o que adquiriu foi pago como suborno ou confiscado; até suas diversas mulheres foram vendidas a outros homens.

§117. E após o reinado de 'Abdallâh, filho de Maomé, que permaneceu por vinte e três anos no trono <ou seja, até o 1088° AG, *i.e.* 775-776 d.C.>, reinou seu filho, Mahdî, a quem o falecido monarca havia feito governar <como co-regente> ainda enquanto era vivo. § E este <*i.e.* o califa al-Mahdî> deu ordem para que o patriarca Jorge fosse retirado da prisão e liberto de toda acusação que se lhe havia sido feita. Então Jorge reuniu um sínodo de trinta e seis bispos na cidade de Sarûg, e ele os reuniu por causa de João, o metropolitano de Tagrît, a quem todos os presentes a esta assembleia anatematizaram e proclamaram deposto. Mas este eclesiástico encontrou refúgio no Mosteiro de Mâr Mateus <Matthâi> e consagrou seis bispos dentre os monges que aí o receberam.⁴⁷

§118. Ainda neste mesmo ano⁴⁸, contudo, morreu o rei Mahdî, que permaneceu no trono por oito anos e nove meses. Ele foi sucedido por Moisés, seu filho, que permaneceu no trono por um ano. Harûn, seu irmão,

⁴⁷ Este mosteiro foi construído por iniciativa de Mateus de Amida no último quarto do século IV, em uma encosta do Monte Alfaf, às margens da Planície de Nínive, cerca de vinte quilômetros a nordeste de Mossul. Foi espaço de pelo menos três importantes sínodos (jan. 628, fev. 628 e 1930), tornou-se uma sé metropolitana - estatuto que ainda hoje detém -, e deu à Igreja Siríaca Ortodoxa de Antioquia três patriarcas, sete *maphryônôs* e vinte e quatro bispos. Famoso na Antiguidade Tardia e na Idade Média pelo número de monges eruditos que abrigava e por sua grande biblioteca, da qual a maior parte do acervo infelizmente se perdeu em saques e incêndios ocorridos em diferentes momentos da história, é um dos mais antigos mosteiros cristãos ainda em atividade.

⁴⁸ Chabot observou que há aqui um erro qualquer de transcrição - não está claro se de Barsoûm ou do copista que produziu o manuscrito por ele copiado -, pois a crônica fixa, ainda na mesma frase, tal acontecimento em 1096 AG, *i.e.* 784 AD.

reinou depois dele e permaneceu no trono por vinte e três anos. Depois dele, Maomé, seu filho, permaneceu no trono por três anos e meio. Mas ‘Abdallâh al-Mamûn, seu irmão, fez com que ele fosse decapitado, depois do que o reino permaneceu sem governante por quinze anos.

§119. E no 1100º Ano <788 d.C.>, começou a reinar ‘Abdallâh al-Mamûn, que permaneceu no trono por vinte e três anos.

§120. E no 1101º Ano <789 d.C.>, Mâr José, do Mosteiro de Gubbâ Barrâyâ, foi eleito e consagrado patriarca. Ele se sentou no trono patriarcal, aí permaneceu por um ano e morreu em paz.

§121. E no 1104º Ano <792 d.C.>, no décimo quinto dia do mês de ‘Âb, Mâr Ciríaco, do Mosteiro de Bizana⁴⁹, foi eleito e consagrado patriarca.

§122. E no 1128º Ano <816 d.C.>, no décimo sexto dia do mês de Hẓîrân, um santo domingo, justamente na hora do Divino Sacrifício, ele <*i.e.* Mâr Ciríaco> partiu do mundo e foi ao descanso eterno. Tendo falecido na cidade de Mossul, foi conduzido para Tagrît, cidade na qual havia nascido, e foi sepultado com honra na grande igreja da cidadela.

§123. E no 1130º Ano <818/819 d.C.>, Mâr Dionísio, do Mosteiro de Qênneshrê⁵⁰, na cidade de Calínico, foi eleito e consagrado patriarca. §

⁴⁹ Também conhecido como Mosteiro de Bizuna ou de Estona, *i.e.* da Coluna, por ter sido erguido ao redor do pilar de um santo estilita, situado às margens do Rio Eufrates, não muito distante de Raqqah. A imperatriz Teodora (m.548) forneceu o dinheiro necessário para sua construção, e ele foi grandemente ampliado pelos monges em 634-634. Até 956, ano em que foi fechado por iniciativa dos governantes árabo-muçulmanos, deu à Igreja Siríaca Ortodoxa de Antioquia um patriarca (o referido Mâr Ciríaco) e dez bispos.

⁵⁰ Dedicado à memória de Tomé Apóstolo, foi construído às margens do Rio Eufrates, diante da cidade de Jarâbulus - a antiga Europos mencionada nas crônicas greco-romanas. Sua edificação ocorreu nas décadas de 520 e 530, por iniciativa de João bar Aptônia, que procurava uma alternativa ao motim calcedônico que enfrentou no mosteiro do qual até então havia sido abade, próximo de Selêucia-da-Pieria e também dedicado à memória de Tomé Apóstolo. Não está claro, contudo, qual dos dois claustros chefiados por este eclesiástico é aquele que alguns documentos siríacos mencionam como sendo o *Mosteiro de bar Aptônia*. Foi um importante centro de tradução de textos do grego para o siríaco, não só bíblicos e patrísticos, mas também seculares de diversos tipos; diversas fontes falam de eclesiásticos siríacos que aprenderam o idioma grego tomando aulas em Qênneshrê. Em 810 ou 811, o mosteiro foi saqueado e incendiado por salteadores árabes, quase certamente liderados por Nâsr ibn Shabâth al-Uqâyli (m.825), chefe de uma rebelião da confederação tribal dos Qâys contra o Califado Abássida. Por volta de 820, o patriarca Dionísio de Tel Maḥrê (m.845) recebeu dos governantes muçulmanos a autorização para reconstruí-lo e repovoá-lo, mas Qênneshrê nunca recuperou a importância intelectual e a quantidade de monges que teve antes de ser

Ora, desde o nosso santo mestre Mâr Severo até Mâr Dionísio houve um total de vinte e dois patriarcas <siríacos ortodoxos>.

§124. *Histórias dos Santos Apóstolos*, de Mar Efrém.⁵¹ § Primeira história, sobre o Apóstolo Pedro. § Simão Cephas, o líder dos Apóstolos, era de Betsaida, da tribo de Neftali. E ele realizou, de fato, sinais e prodígios, milagres e maravilhas em Jerusalém e em outras partes. Ressuscitou o paraplégico e curou muitos enfermos. Foi encerrado na prisão por ordem de Herodes Agripa, mas daí um anjo o livrou, fazendo com que saísse durante a noite. E ele daí saiu e rodeou todos os lugares ao redor do mar. Entrou em Antioquia, cidade da Síria, nela pregou o Evangelho, ensinou a fé correta e batizou muitos dos moradores locais. Fundou a primeira igreja a se estabelecer nesta cidade e sentou-se no trono apostólico aí instalado; de fato, ele foi o primeiro patriarca a pastorear o rebanho do Senhor nesta cidade. Nela permaneceu por mais um ano, o primeiro ano em que Cláudio reinou em Roma. Deixou Antioquia e partiu para Roma, para ensinar os que aí estavam. Nesta cidade, pregou o Evangelho por vinte e sete anos, desde o fim do primeiro ano do reinado de Cláudio até o décimo terceiro ano do reinado de Nero. Quando o Apóstolo chegou a esta cidade e aí também começou a pregar o Evangelho e a ensinar a fé correta, levantou-se uma grande rebelião entre os romanos, de modo que todo o Senado se perturbou e ordenou que...⁵²

§125. No 1406^o *Ano dos Gregos* <1094-1095 d.C.>, a chuva cessou por mais de um mês; assim as sementes tornaram-se estéreis e o grão não brotou, especialmente na planície de Nísibe. E o grande sultão dos turcos foi, capturou Nísibes e Mossul por três meses, e ele e seus homens comeram tudo aquilo que havia restado dos grãos nos celeiros. Muitos

saqueado e incendiado. Em 930, quando já contava com um grupo reduzido de moradores, era ainda suficientemente importante para ser visitado por eclesiásticos siríacos ortodoxos que aí procuravam ter aulas de grego; nesta época, havia dado à sua Igreja-Mãe sete patriarcas e quinze bispos. Tendo sido brevemente uma diocese independente, foi submetido por volta de 1025 à autoridade do bispo de Samósata. Parece ter permanecido ativo até o meado do século XIII, quando foi abandonado pelo último monge residente.

⁵¹ A atribuição deste texto a Efrém de Nísibe parece ser espúria; entretanto, talvez se trate de uma compilação ou resumo de homilias sobre os Apóstolos suas ou que lhe foram atribuídas, ou ainda uma versão em prosa dos hinos que compôs para comemorar cada um dos Doze.

⁵² Não está claro se o texto, evidentemente incompleto, é aqui interrompido por uma significativa lacuna do manuscrito original - como de mais de página, de fato, uma lacuna de um tamanho indeterminável - ou porque não foi transcrito por Barsoûm. Será necessário esperar a edição crítica de Bcheiry para esclarecer este ponto.

foram tomados como cativos e levados embora pelos turcos. Um quarto <de medida> de grão então era vendido por oitenta dinares na praça-forte de Haythâm. Muitos morreram de fome neste ano. § Neste mesmo ano, houve ainda uma praga que causou a morte de inúmeros homens na região de Tûr 'Abdîn. Na aldeia da Casa de Severo <Bêth Sevîrînô > morreram cento e quarenta pessoas arroladas como pagadoras de tributos.⁵³

⁵³ Chabot pensou identificar nesta entrada temporã, a última do manuscrito, certa *vox curdica*. Não me está claro, contudo, quais elementos conduziram-no a esta observação.

